



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

KAREN LAÍS DE OLIVEIRA CALDAS

O SOL SOB A MARGEM:
Um Documentário Sobre a Comunidade Solar do Unhão

Salvador

2023

KAREN LAÍS DE OLIVEIRA CALDAS

O SOL SOB A MARGEM:

Um Documentário sobre a Comunidade Solar do Unhão

Memorial descritivo sobre o trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Oliveira de Carvalho

Salvador

2023

AGRADECIMENTOS

A Jeferson Alan, pelo companheirismo, disposição e trabalho com a captura de imagens;

A Pola Ribeiro, Dilson e Delinha por abrir as pontas do Solar para esse documentário;

A Júlio e Prisk, por aceitarem fazer parte de mais um trabalho;

A Eric Lima, pelo apoio incondicional;

A Andrea Bonfim e Silvana Pimenta, pelos conselhos;

A todos que aceitaram contar suas histórias para que esse trabalho fosse possível.

CALDAS, Karen Laís de Oliveira. **O Sol Sob a Margem: Um Documentário sobre a Comunidade Solar do Unhão**. Orientador: Marcos Oliveira de Carvalho. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

RESUMO

Este memorial apresenta o processo de criação do documentário O Sol Sob a Margem, produto que visa registrar as mudanças sofridas na comunidade do Solar do Unhão, quando essa deixa de ser vista publicamente como um local perigoso e passa a ser considerado um ponto turístico de Salvador. Para isso, exponho minha pesquisa sobre a economia da região, explicando como a fonte de renda de seus habitantes interfere na formação da cultura e imagem pública desse espaço. Também nesse documento, apresento as etapas e metas estipuladas para a produção do documentário, a fim de esclarecer como esse foi estruturado.

Palavras-chave: Solar do Unhão; Gamboa; Salvador; Cultura; Turismo.

CALDAS, Karen Lais de Oliveira. **O Sol Sob a Margem**. Advisor: Marcos Oliveira de Carvalho. 2023. Completion of course work (Bachelor in Social Communication with specialization in Journalism) – Faculty of Communication, Federal University of Bahia, Salvador, 2023.

ABSTRACT

This memorial presents the creation process of the documentary *O Sob Sob a Margem*, a product that aims to register the changes suffered in the Solar do Unhão community, when this ceases to be publicly seen as a dangerous place and is now considered a tourist spot in Salvador. For this, I expose my research on the economy of the region, explaining how the source of income of its inhabitants interferes in the formation of the culture and public image of this space. Also in this document, I present the steps and goals stipulated for the production of the documentary, in order to clarify how it was structured.

Key-words: Culture; Salvador; Solar da Unhão; Tourism; Gamboa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Centro Antigo de Salvador.....	9
Figura 2 - Mapa da Comunidade do Unhão.....	9
Figura 3 - Mapa da Gamboa de Baixo.....	10
Figura 4 - Comunidade Solar da Unhão.....	10
Figura 5 - Abertura da novela Segundo Sol.....	15

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO AO TEMA.....	8
1.1 ESTRUTURA.....	8
1.2 HISTÓRIA DO SOLAR DO UNHÃO E DA GAMBOA DE BAIXO.....	11
1.3 ECONOMIA.....	13
1.4 IDENTIDADE E CULTURA.....	15
2. O DOCUMENTÁRIO.....	17
2.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	17
2.2 PRODUÇÃO.....	19
2.2.1 FONTES.....	20
2.3 PÓS-PRODUÇÃO.....	21
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS.....	24
ANEXO A – LISTA DE PRODUÇÃO.....	27

1. INTRODUÇÃO AO TEMA

O documentário O Sol Sob a Margem tem como cenário a Comunidade do Solar do Unhão, localizada em Salvador. Seu intuito é apresentar a cultura do lugar em questão, frisando a influência da fonte de renda de seus moradores na forma em que esses vivem, lidam com o espaço ao qual pertencem e também como são lidos publicamente. Isto é, a influência da fonte de renda desses indivíduos na formação da cultura local e em sua imagem pública.

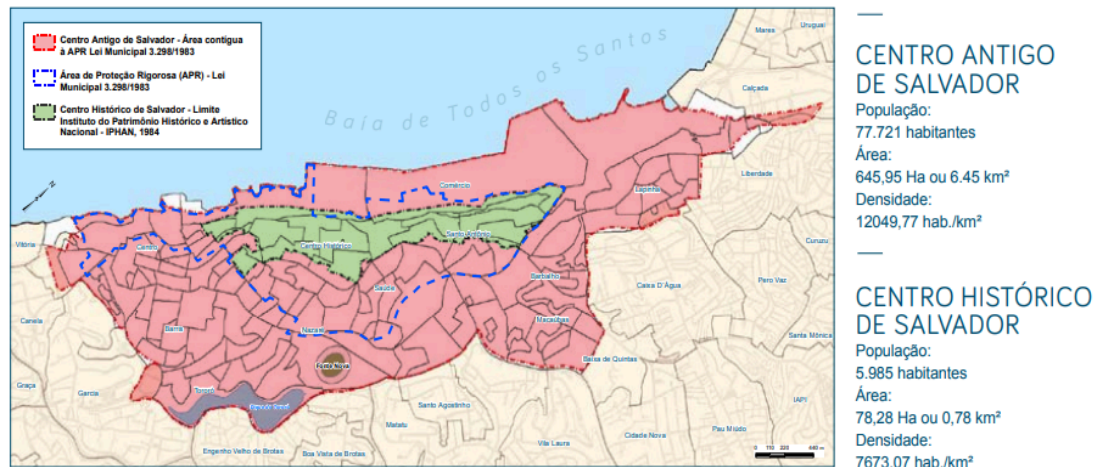
Inicialmente, foi pensada a ideia de tratar neste documentário da Comunidade do Solar e também da Gamboa de baixo, já que essas duas regiões têm trajetórias e vivências interligadas. Porém, quando se parte para a prática é possível identificar que as duas desenvolvem-se de formas distintas, com características únicas e particulares. Por isso, durante a produção foi decidido ter como recorte principal apenas o Solar do Unhão, para que, dessa forma, os detalhes de sua história possam ser mais bem trabalhados.

Por isso, durante o primeiro capítulo deste memorial a Gamboa será constantemente citada para explicar os principais pilares do Solar do Unhão, mas não será o foco deste produto.

1.1 Estrutura

A área em que se encontram as duas comunidades está localizada no Centro Antigo de Salvador (CAS), entre a Avenida Lafayette Coutinho e a Bahia de Todos os Santos. Para entender sua localização exata, a Figura 1, disponibilizada pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), sinaliza sua posição geográfica em Salvador. Ambas as comunidades podem ser encontradas no limite da área demarcada em rosa à esquerda no mapa, próximas ao mar e também ao bairro da Vitória.

Figura 1 - Mapa do Centro Antigo de Salvador



Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2013

Um ponto importante a ser frisado é que as duas comunidades são fisicamente divididas pela estrutura do Forte São Paulo. Por isso, para ir de uma comunidade a outra é viável apenas de barco, nadando ou por cima, utilizando a Avenida Contorno.

Partindo desse ponto, para acessar o Solar do Unhão há apenas uma rua, que também dá acesso ao Museu de Arte Moderna. Sua localização está sinalizada com o marcador vermelho na Figura 2.

Figura 2 - Mapa da Comunidade do Unhão



Fonte: Google

Já para a Gamboa, segundo o mapeamento feito por Iago Albuquerque¹ na Figura 3, existem três entradas. Analisando as cinco opções, apenas a entrada para o Solar tem a possibilidade de passagem para carros. Talvez por isso, o Solar tenha mais visitação e desenvolvimento, já que a Gamboa tem um acesso restrito.

Figura 3 - Mapa da Gamboa de Baixo

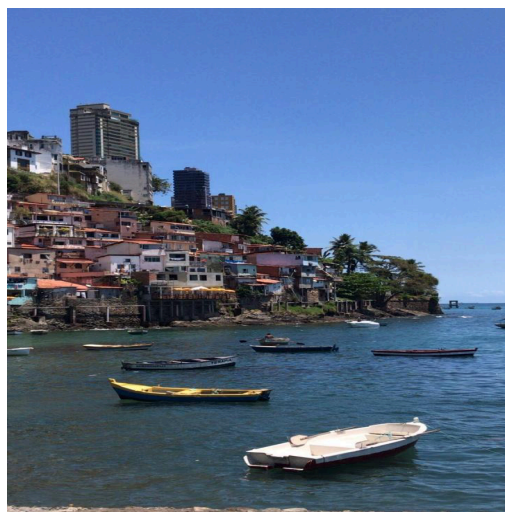


Fonte: Iago Albuquerque, 2018

As casas que compõem o Unhão são, em sua maioria, pequenas, com mais de um pavimento e feitas de forma precária. Toda essa estrutura é diferente dos bairros vizinhos. O bairro 2 de Julho, a Graça e o Campo Grande, são compostos por prédios, ruas e avenidas pavimentadas, além de um amplo comércio e trânsito de pessoas. Na Figura 4 é possível ver Comunidade do Unhão e ao fundo da imagem, alguns prédios localizados no Campo Grande.

¹ Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, assistência técnica, habitação e direito à cidade. Formado na Universidade Federal da Bahia em 2019

Figura 4 - Comunidade Solar do Unhão



Fonte: Arquivo Pessoal

A construção da Avenida Lafayette Coutinho, pelo Governo do Estado da Bahia em 1961, foi um dos fatores que colaborou para que as duas comunidades se desenvolvessem com essa organização distinta à de outros bairros da região. Ela traçou um limite para o Unhão e para a Gamboa de Baixo, restringindo o contato de ambas com outras comunidades e também tornando inviável que elas pudessem se expandir geograficamente.

Outro efeito da construção da Avenida, sentido até os dias atuais, é a dificuldade de quem mora na região para ter acesso a serviços básicos do cotidiano, como a coleta de lixo, ambulâncias, o recebimento de delivery e gás. O projeto inicial da Avenida não contemplava os moradores dessa região, os privando de seus direitos como cidadãos, do direito a ir e vir, e de se comunicar com outros bairros.

1.2 História do Solar do Unhão e da Gamboa de Baixo

Para entender melhor o processo citado anteriormente, é importante conhecer a trajetória da Comunidade. E como o Unhão e a Gamboa tem suas histórias de criação e desenvolvimento inicial interligados, o surgimento da Gamboa também será citado.

Para iniciar a explanação desse conteúdo, partimos da construção do Forte São Paulo. De acordo com o site governamental ipatrimônio, o Forte São Paulo foi criado em 1715, onde hoje está situada a Gamboa de Baixo. Seu objetivo era

proteger a costa da cidade, auxiliando o Forte de São Pedro, já presente no bairro do Campo Grande. No entanto, sua existência também foi fundamental para iniciar a popularização da área em que se encontrava. Segundo essa mesma fonte, foi a partir dessa estrutura que a região da Gamboa passou a receber seus primeiros moradores, que construíram suas habitações próximas ao Forte.

Tendo um salto temporal de algumas décadas, chegamos em 1879, ano em que a região já havia se consolidado como um local habitado e regido por determinada ordem local. Segundo dados coletados pelo arquiteto e urbanista Iago Albuquerque (2018), cartas enviadas para a Capitania dos Portos nesse período comprovam que aquela região havia de fato sido povoada e que sua população era ativamente envolvida com pescaria. Nessa época, o local já atendia por seu nome atual: Gamboa.

Relatos de disputas por áreas de pesca em cartas enviadas à Capitania dos Portos desde 1878 já demonstravam a ocupação da área que se situava entre os portos marítimos (Porto das Vacas e Porto da Gamboa) por uma comunidade de pescadores. Foi no contexto desses conflitos que surgiu a comunidade pesqueira Gamboa de Baixo, objeto deste estudo. A tradição da pesca artesanal foi passada de geração a geração, e ainda confere forte identidade à comunidade. O peixe que é retirado das águas da Gamboa não somente se faz presente na mesa de seus moradores, mas também nos mercados de peixe e no comércio em geral de áreas circunvizinhas. (ALBUQUERQUE, 2018)

Tendo apontado os marcos que indicam o surgimento da Gamboa, falaremos sobre a Comunidade do Unhão. Essa tem como principal ponto de referência, histórico e espacial, a construção do Solar do Unhão, um antigo complexo agroindustrial que data do século XVII.

De acordo com informações retiradas do site do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), o proprietário mais conhecido do Solar do Unhão foi o desembargador Pedro Unhão Castelo Branco. Foi ele quem batizou a construção como Solar do Unhão, utilizando o espaço como moradia e mais tarde também para fins comerciais. A partir disso, a região próxima a propriedade foi nomeada como Solar do Unhão, nome utilizado até os dias atuais.

Foi apenas em 1943 que a propriedade foi tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e em 1963, passou a abrigar o Museu de Arte Popular. O restauro e administração do espaço em seus primeiros anos de funcionamento foi

executado Lina Bo Bardi, arquiteta conhecida por seu trabalho pela valorização da arte popular. No entanto, a configuração inicial do Museu não durou muito, isso porque durante a Ditadura Militar de 1964, Lina foi desligada da instituição e o Museu foi modificado para a área de Arte Moderna.

Hoje o espaço ainda abriga o Museu de Arte Moderna e é a primeira construção a ser vista quando se entra na Comunidade do Unhão. A atual direção do Museu, feito por Pola Ribeiro², é marcada por uma tentativa de reaproximação pública para com as duas comunidades da região. Segundo o próprio diretor, a intenção é facilitar o acesso dos moradores a área do Museu, visto que a construção em si faz parte da história das comunidades desde seu princípio e assim é de direito dos moradores desfrutar deste espaço. A efetividade dessa aproximação é algo que também investiguei durante as entrevistas.

1.3 Economia

Como podemos ver, a pesca acompanha esses dois grupos desde seu surgimento, sendo para ambos um traço marcante até hoje. Um levantamento de dados realizado pela Associação de Pesca da Gamboa em 2017 apontava que, na época, cada família da Gamboa tinha pelo menos um pescador. Já no Solar esse fenômeno não se repete. De acordo com um dos moradores da área, a comunidade sempre teve menos pescadores que a comunidade vizinha. Tendo hoje apenas cerca de 5 homens nessa função.

Ademais, a ligação da região com o mar se destaca no espaço físico das comunidades. É notada a presença de dezenas de embarcações por toda a costa do Unhão e da Gamboa e também nas ruas e casas.

Já os alimentos retirados do mar são destinados para consumo dos moradores, para venda e também para abastecer os restaurantes que hoje estão presentes na região, provenientes do turismo crescente nas duas comunidades.

O turismo como fonte de renda chegou ao Solar no decorrer da última década. Em 2019, uma matéria do *Correio 24 Horas* retrata a Comunidade como

² Pola Ribeiro é comunicólogo, jornalista, cineasta e produtor. Foi diretor do MAM (2020 – 2023) e atualmente é da diretoria de museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC) da Bahia.

“fora da rota” turística, mas com o tempo, o público jovem passou a frequentá-la, disseminando na internet informações sobre o local.

Nesse período, o Unhão e a Gamboa de Baixo receberam uma crescente atenção externa, de moradores de outras localidades de Salvador e até de outras cidades. Reflexo disso, o comércio local se movimentou em direção a essa demanda. Hoje, os moradores de ambas as comunidades também trabalham com o turismo da área a partir de bares, restaurantes e passeios guiados.

Esse movimento acaba por ser esperado, tendo em vista que as comunidades estão no centro de Salvador. O pesquisador Lefebvre explica em seu livro *Direito à Cidade*, que os centros urbanos acabam por se sujeitar ao consumo oriundo do turismo da área, atenção de estrangeiros e visita de pessoas residentes em outras áreas da cidade.

O núcleo urbano torna-se assim produto de consumo de uma alta qualidade para estrangeiros, turistas, pessoas oriundas da periferia e suburbanos. Sobrevive graças a esse duplo papel: Lugar de consumo e consumo de lugar.

Assim, os antigos centros entram de modo mais completo na troca e no valor da troca, não sem continuar a ser valor de uso em razão dos espaços oferecidos para atividades específicas. Tornam-se centros de consumo. (LEFEBVRE, 2016, p.21)

Nesse novo cenário, o Solar acaba por receber a maioria dessas produções, turistas e novos negócios. Exemplo disso é que a primeira pousada da região está sendo construída no Solar e essa também tem um número bem mais elevado de bares e restaurantes. A partir das entrevistas realizadas nesse documentário, chega-se à conclusão de que esse fenômeno é devido ao acesso de carros para a comunidade, a existência do MAM e do coletivo MUSAS³ na Comunidade, que fomentaram as visitas e projetos culturais na área.

Como resultado disso, atualmente na comunidade existem muitos negócios voltados para atender a demandas turísticas. O mais famoso é o Restaurante da Dona Suzana. Ela é uma das responsáveis por sustentar a visibilidade midiática que o local tem hoje. Seu trabalho se popularizou atraindo visitantes que por

³ O MUSAS é um coletivo sem fins lucrativos, que utiliza do graffiti para levar arte aos pontos mais distintos da cidade. Eles já fizeram uma residência artística no MAM-BA, enquanto Pola Ribeiro era diretor do espaço.

consequência acabam tendo contato com a comunidade em que o restaurante está inserido.

Também existe na região um trabalho frequente de barqueiros, homens que antes utilizavam suas embarcações apenas para pesca e nos dias atuais conciliam isso com a travessia de passageiros para a praia particular do MAM ou para admirarem a costa das comunidades pelo mar.

Para além dos dois exemplos citados também existem atualmente as produções audiovisuais. Grandes produções audiovisuais foram realizadas na comunidade, exemplos disso, temos o clipe [Bola Rebola \(2019\) de Anitta](#) e a utilização da área na abertura da novela [Segundo Sol \(2018\), da Globo](#).

Figura 5 - Abertura da novela *Segundo Sol*



Fonte: Globo, 2018.

Para gerir essa nova demanda na comunidade do Solar, sua associação elaborou uma tabela de regras e valores para a produção audiovisual na região. As normas vão desde onde estacionar até quanto pagar pela colaboração de alguns moradores. Outro detalhe importante é que a associação também recebe um valor para possíveis necessidades de seus moradores. Essa é uma maneira de organizar a comercialização do espaço e garantir os devidos créditos às pessoas envolvidas nesse processo.

1.4 Identidade e Cultura

Como visto, no decorrer desses anos, a Gamboa e o Unhão passaram por um processo de apagamento e também descaso governamental para com suas demandas. Seus moradores enfrentam dificuldades para acessar o transporte público da cidade, acessar outros bairros da região e serviços como o de recolhimento de lixo ou entrega de gás.

Junto a isso, a região é historicamente associada a violência. Um lugar a ser evitado, contido. Ambas as comunidades, principalmente a Gamboa, colecionam casos de violência policial e assassinato de moradores.

Isso vem sendo modificado apenas na última década, quando a área recebe mais visibilidade exterior à região, adicionando o turismo também como um pilar que mantém as comunidades. O olhar da sociedade para a região é amenizado, agora a cultura que era malvista hoje é lida como atraente. E a força policial é mais contida em casos de desavenças.

Um dos pioneiros na pesquisa e análise de cultura popular é Raymond Williams. Durante sua vida, ele identificou que a identidade e cultura de determinado grupo é diretamente afetada por seus eventos cotidianos. No livro *Comunicação e Estudos Culturais* (2011), a Dr.^a Itania Gomes analisa o ponto de vista de Williams sobre o assunto e afirma: “Essa ideia de cultura como um modo inteiro de vida vem mostrar que a mudança social nunca é parcial: a alteração em qualquer elemento de um sistema complexo afeta seriamente o conjunto”. (Gomes, 2011, p. 31-32).

Analisando esses tópicos é possível identificar que a adição da área à rota turística da cidade de Salvador mudou o cotidiano da população local e também a imagem pública que eles mantêm. Agora a área recebe centenas de turistas em busca da cultura peculiar do lugar.

Refletindo sobre o passado e presente dessa região, surge o questionamento: Como essas mudanças irão impactar as comunidades no futuro? Uma das grandes preocupações quando se analisa regiões similares é que esse espaço passe a ser visto como um produto estabelecido para turistas e que seus habitantes sejam mais uma vez esquecidos e visibilizados.

Um exemplo disso é o Pelourinho, bairro que ao ser visto como lucrativo sofreu um processo de retirada de seus habitantes originários para dar espaço a museus, hotéis e restaurantes. Esse movimento enquadra-se no termo museificação, a partir da explicação encontrada no artigo “Museificação Territorial: Fundamentos de um Conceito”, de 2022.

Desde o fim do século XX, alertas sobre os perigos dessa atividade vêm sendo feitos, com o propósito de mostrar seu possível efeito reverso: a morte dos territórios, quando, inseridos na indústria do turismo cultural, eles são transformados em museus a céu aberto. Tal processo tem sido identificado por alguns estudiosos por meio do termo museificação (ALMEIDA; RUY, 2020, p. 3)

Com essas alterações, cabe ouvir dos moradores quais mudanças vêm ocorrendo nesse espaço, como elas ocorrem e de que forma isso muda suas vidas e o futuro do local que chamam de casa.

2. O DOCUMENTÁRIO

A escolha do tema perpassa pela minha história de vida. Nascida no Bairro de São Caetano, na periferia de Salvador, conheço a sensação de ter minha região marginalizada pelo restante da cidade.

Já no ensino médio fui apresentada a especulação imobiliária, quando estudava no Colégio Estadual Odorico Tavares. A instituição era localizada no Corredor da Vitória e por especulação imobiliária da área foi fechado. Com a minha proximidade com o Pelourinho, onde hoje resido, pude também conhecer a história de pessoas que sofreram com a especulação imobiliária e o impacto do turismo desenfreado.

A partir disso, vi no Solar do Unhão a história se repetindo e identifiquei no meu documentário uma oportunidade de eternizar a vida dessas pessoas e amplificar a opinião delas sobre o lugar onde elas mesmas vivem.

Finalizando a explicação do tema, daqui em diante serão apresentados os processos de criação do documentário em si, desde sua produção até a pós-produção. Através da visão de Bill Nichols podemos avaliar esse documentário como representação social. Isso é, que mostra de forma tangível um mundo já existente. Mas ele não o mostra de forma crua e sim através de uma narrativa, um modo específico de enxergar aquele mundo.

Os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico. Eles significam ou representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões (NICHOLS, 2010, p. 30)

É visando essa capacidade que o documentário detém, que esse formato foi selecionado. Pois buscamos destacar a visão das pessoas que compõem o Solar do Unhão sobre a história do lugar, e mais sobre o que essa história representa para eles.

Como dito por Luiz Carlos Lucena (2018), “O documentário representa um modo de pensar e fazer as pessoas pensarem”. O Solar já foi lido de diversas maneiras: antes como um lugar irrelevante, depois como perigoso e agora como ponto turístico. Por isso, a ideia é que dessa vez as pessoas da Comunidade possam apresentá-la, da forma que eles a veem e como gostariam que os outros também vissem.

2.1 Pré-Produção

A pré-produção foi iniciada com o levantamento de pesquisa aqui já apresentado, para que assim fosse possível entender a história da Gamboa de Baixo e do Solar do Unhão. A partir dessa ação, é que foi possível selecionar o recorte deste produto.

Tendo escolhido o assunto, foi iniciada uma catalogação dos trabalhos realizados na Universidade Federal da Bahia (UFBA) sobre a Gamboa de Baixo e o Solar do Unhão, como os de Iago Albuquerque, Leonardo Soares e Fabrício Oliveira. Eles serviram não só de embasamento teórico, como também para entender qual seria o melhor meio de fazer contato com as pessoas da região.

Já os projetos audiovisuais, como *Duas Cidades*⁴ e *Memória e Cultura - Nós Somos*⁵ serviram de inspiração para a elaboração do documentário em si. Vendo produções executadas na região, pude amadurecer ideias para a filmagem que eu pretendia fazer.

Outras produções, fora da temática da comunidade, também foram consultadas como: o documentário *No Pelô Mora Gente (2003)*⁶ e o livro *Recordações de Becos e Vieiras (2023)*⁷. Ambos tratam do processo de desapropriação de casas no Pelourinho em prol do possível turismo da área, entendendo melhor como funciona a especulação imobiliária e suas consequências.

⁴ Documentário produzido em 2018, na disciplina de Audiovisual e Direto à Cidade da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://vimeo.com/287053004>. Acesso em 15, dez. 2023.

⁵ Documentário produzido em 2018, na disciplina de Audiovisual e Direto à Cidade da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://vimeo.com/294695171>. Acesso em 15, dez. 2023.

⁶ Documentário feito em 2003, pela Gifo.doc. A obra apresenta um compilado de entrevistas, onde os moradores do Pelourinho falam sobre o processo de expulsão que esses sofreram. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tZC4ESSB59c>. Acesso em 15, dez. 2023.

⁷ Livro de 2023, realizado por Mônica Santana, Alex Simões, Gildon Oliveira e Priscila Fulô. Conta histórias de pessoas que moravam no Pelourinho, desde os momentos felizes até o despejo de suas residências.

Esse processo me permitiu ter um olhar mais apurado para quem poderiam ser os personagens deste produto. Logo, foram pensados como fontes Suzana (do RéRestaurante Dona Suzana), Pola Ribeiro, na época da entrevista Diretor do MAM-BA, e Dilson Vasconcelos dos Santos, o presidente da Associação de Moradores do Solar do Unhão.

Aqui vale destacar que, a adição de Pola Ribeiro nesse documentário é admitindo que o MAM faz parte da Comunidade. O seu terreno faz parte da Comunidade desde o seu surgimento, servindo como área de lazer e também de trabalho. O Museu tem participação na imagem pública da Comunidade. E além disso tem comunicação direta com os gestores da comunidade, participando de algumas decisões significativas para o futuro do Solar. Sendo assim, também um ponto de vista importante.

Esses nomes foram listados tendo como pré-requisito figuras importantes para a cena cultural e econômica das comunidades. Os meios utilizados para chegar a elas foram variados. Profissionalmente, eu já havia feito contato com a Associação e eles que me direcionaram à outras fontes relevantes sobre o assunto.

Concluindo a parte de pesquisa e delimitando o que seria abordado, foram produzidos o cronograma de produção e o roteiro do documentário. O cronograma foi pensado levando em consideração três semestres, para pré-produção, produção e pós-produção, respectivamente. Essa estrutura também foi pensada ao modo de que as gravações ocorreram no verão, já que a maioria das locações são ao ar livre.

Posteriormente a produção se estendeu para dois semestres, tendo em vista a dificuldade em conciliar as gravações com minhas folgas no trabalho, com a disponibilidade do meu cinegrafista e das próprias fontes.

2.2 Produção

Como dito no tópico anterior, a realização da produção do documentário foi pensando para ser realizado entre o fim de 2022.2 e o início do semestre de 2023.2. Esse período foi escolhido visando a alta do verão, momento em que Salvador recebe mais turistas e também há menos chuva, que poderiam atrapalhar a captura de imagens externas.

Para realizar as entrevistas e capturar as imagens de cobertura, contei com o apoio da Associação de Moradores do Solar do Unhão e do Museu de Arte Moderna da Bahia. Dilson, presidente da Associação, apresentou algumas fontes e a Comunidade. E os funcionários do Solar armazenaram os equipamentos durante as diárias de gravação.

Antes da gravação, realizei algumas visitas ao Solar, planilhadas no Anexo A deste documento. Essas visitas foram feitas com o objetivo de conhecer de forma mais profunda a comunidade e seu funcionamento, assim como também as possíveis fontes. Um adendo importante sobre essa etapa é que se tornou fundamental que os moradores também me conhecessem antes de começar as filmagens, para estabelecerem uma relação de confiança com o material que estava sendo produzido.

Quando as gravações de fato começaram, foram escolhidos locais dentro da comunidade que tivessem relação com a vida de cada uma dessas pessoas. Ajudando a contar suas histórias. Na captação de áudio e imagens contei com a ajuda de Jeferson Alan, ficando na maioria das gravações com a direção e produção das imagens e entrevistas.

Ao que diz respeito às ferramentas de gravação, utilizei apenas as disponibilizadas pela Universidade, a câmera, tripé, boom e rebatedor. Durante esse processo a falta de alguns equipamentos interferiu no resultado final do produto. Sem luz artificial ou lapela na maior parte das gravações, a consequência é sentida; também a falta de gimbal (estabilizador de câmera para gravações com a câmera em mãos) tirou das telas um pouco a mobilidade do cotidiano que eu gostaria de captar. No entanto, esses contratempos foram contornados e entendidos como parte do processo.

2.2.1 Fontes

No final deste memorial, no Anexo A, está presente uma lista, elaborada durante a pré-produção, com nomes inicialmente cotados para entrevistas. Nessa etapa do projeto, entrei em contato com as pessoas selecionadas, fazendo um trabalho de produção. Cada fonte foi entrevistada tendo em vista sua relação com o tema, por isso, abordagem e questionamentos a serem feitos foram adaptados para

cada um. A única pergunta que se manteve para todos foi “Como você imagina o Solar no futuro?”.

Uma fonte interessante para se entender a relação desses dois grupos com o turismo, é Pola Ribeiro. Como citado anteriormente, ele é o atual diretor do MAM-BA e tem vasto conhecimento sobre a relação das comunidades com o público exterior que chega à região para visitar o Museu.

Dentre esses conhecimentos, friso dois acordos informais do MAM com as comunidades. A primeira diz respeito à comercialização de alimentos, bebidas e sombreiros na praia do MAM: Apenas alguns moradores da comunidade são autorizados a comercializar nesta praia privada. Já a segunda é o sistema de barqueiros que levam os visitantes da praia da Gamboa à praia do MAM, pelo valor de 10 reais por pessoa, sendo somente a saída da praia gratuita e por terra. Ambos os acordos foram feitos visando a geração de fonte de renda das comunidades com o fluxo de visitação do Museu.

Para entender melhor essa relação da Comunidade com o MAM, e além disso da Comunidade consigo mesma e com o mundo exterior, o presidente da Associação também foi entrevistado. Dilson é responsável por estabelecer reuniões entre a diretoria do MAM e os moradores do Solar, assim como inspecionar as construções na Comunidade. Ele também participa das reuniões com órgãos governamentais, que traçam o destino do Solar. Sua fala revela a complexidade de se gerir um espaço tão disputado e também futuras mudanças na estrutura do lugar, que prometem facilitar ainda mais o acesso de turistas à região.

Três outros personagens trouxeram ao documentário uma visão pessoal da questão apresentada, mostrando como suas fontes de renda e vida pessoal foram alteradas pela oportunidade de trabalhar com o turismo da área: Suzana, proprietária e chef de cozinha do *RéRestaurante Dona Suzana*; Durinho, pescador, também foi entrevistado para falar sobre a relação do Solar com o mar e como essa foi alterada pelo turismo; Uma vendedora de bebidas e tira gostos da praia do MAM, Bruna Rocha, que comentou sobre sua nova fonte de renda e analisou os motivos que fizeram essa fonte ser possível no Solar; E o barqueiro Gleidson, que esclareceu como iniciou nessa profissão.

Traçando um paralelo entre o antigo e novo Solar que é estabelecido dia após dia, Ana Lúcia falou sobre os primeiros anos de comunidade. Com 86 anos, ela chegou no solar ainda adolescente, viu as primeiras casas sendo erguidas e foi uma das primeiras pessoas a ficar na direção da Associação de Moradores. Em uma conversa interessante, Dona Lucia visita essa época e comenta sobre os problemas que a Comunidade já enfrentou e a influência política em suas resoluções.

2.3 Pós-produção

A decupagem e esqueletagem do material foi feita durante julho, mês que como foi previsto trouxe a chuva interrompendo as gravações. A edição foi feita por Allan Matheus e mixagem por Pedro Sena, tendo o roteiro em meu nome. Os letterings, com o nome dos entrevistados, foi feito por Ingrid Barretto.

A ideia era, desde o princípio, mesclar imagens da comunidade tanto do mar quanto das ruas do Solar. Para isso, foram usadas imagens aéreas cedidas pelo CEDOC da TV Bahia e imagens de todas as ruas do Solar do Unhão, feitas por Jeferson Alan.

As entrevistas foram feitas por mim e apresentadas em off (modelo em que o entrevistador não aparece em cena). As imagens de cobertura foram os takes da comunidade ou das fontes.

O passo final para a conclusão do comentário foi a escolha de seu nome. “O Sol” representa o Solar, e “sob a margem” faz referência a como eles sempre estiveram a margem de algo, seja do mar, da Avenida Contorno ou da Sociedade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse projeto, desde seu nascimento, tem como maior objetivo destacar a vivência das pessoas que habitam o Solar do Unhão, pessoas essas sempre caladas, seja pela violência policial, governamental ou midiática. O recorte foi definido pensando na maior mudança que a comunidade já sofreu, ficando atrás apenas da construção da Avenida Contorno. Falo da mudança do Solar, de lugar esquecido, não visto, para um lugar turístico, aclamado pelo grande público.

Durante todas as etapas que compõem esse documentário, minhas concepções sobre o Solar do Unhão foram desafiadas e alteradas. Nas conversas gravadas - mas principalmente nas que não foram gravadas - os habitantes do Solar do Unhão me apresentaram seu lar. Cada um deles tem uma perspectiva sobre o que tornou o espaço famoso, mas a maioria dos relatos sobre isso acabam citando a importância de dona Suzana e os meninos do Musas, Júlio, Prisk e Bigode. Suzana com sua gastronomia e o Musas com a cultura e arte.

Hoje a comunidade tem vielas preenchidas por artes do Musas e pelo trânsito de turistas à procura do RéRestaurante de dona Suzana. Atualmente nessa configuração também existem outros bares e restaurantes na comunidade, o crescimento é tanto que já invade a praia das pedras. Onde antes havia apenas barcos e vegetação, hoje tem bares e muitos visitantes.

Organizar isso fica por conta da Associação de Moradores, com Dilson e Delinha. O MAM colabora como pode, permitindo que sua praia também seja espaço de comércio entre a comunidade e os turistas. Os benefícios dessa popularização do espaço são nítidos para todos, com os turistas surgiram mais fontes de renda (bares, restaurantes, passeios de barco e estacionamento). Com eles, o espaço também teve sua imagem pública alterada, não se trata mais de um lugar desabitado ou perigoso e sim de um diferente, interessante.

Já os pontos negativos são mais sutis. A especulação imobiliária é uma preocupação crescente para quem está à frente da comunidade. Em conversas não registradas, alguns moradores comentaram sobre propostas estrangeiras a suas terras. Uma questão delicada e que necessita de instruções. Essa pequena faixa de terra entre o centro de Salvador e a Baía de Todos os Santos é cobiçada. E abrindo mão desse espaço, os habitantes do Solar dificilmente seriam donos de um lugar tão bem situado.

O documentário aborda essas questões através do relato dos moradores sobre o cotidiano deles e a estrutura da comunidade. Além de também conter a opinião dessas pessoas sobre como as principais fontes de renda da região regem suas vidas, o desenvolvimento de seus lares e influência desses fatores na forma em que eles dialogam e são vistos por outros bairros.

Os habitantes do Solar já têm acesso virtual ao documentário, mas a ideia é que o produto também seja exibido na Comunidade. Dessa forma cumprindo o que prometi, trazendo o retorno para essas pessoas.

Quem assistir a esse documentário encontrará um paralelo entre o passado e presente da comunidade, podendo também vislumbrar o seu futuro. As qualidades e desafios da região são pontuadas, em cada relato os moradores do Solar reforçam suas conexões com aquele espaço e exprimem os desejos de seu futuro. No fim, o objetivo foi alcançado e essas pessoas puderam falar por elas mesmas como é viver na Comunidade Solar do Unhão.

REFERÊNCIAS

- ALBURQUEQUE, Iago. **Arquitetxs periféricxs**: assessoria técnica para melhorias habitacionais em casas autoconstruídas na Gamboa de Baixo. Orientador: Daniel Marostegan e Carneiro. 2018. 87 f. Monografia (Curso de Especialização em Assistência Técnica) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29397>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- ALENCAR, Itania. 'O que é que a Gamboa tem?': G1 percorre bairro-cenário de clipe de Anitta e da novela 'Segundo Sol'. **G1 Bahia**, 31 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/musica/noticia/2019/01/31/anitta-grava-novo-clipe-em-comunidade-de-salvador-com-j-balvin-tropkillaz-e-mc-zaac.ghtml>. Acesso em: 01 jul. 2022
- ALMEIDA, Renata Hermann de; RUY, Aline Tessarolo. **Museificação Territorial: Fundamentos de um Conceito**. 2020. 22 f. Artigo (Programa de pós-graduação de Arquitetura e Urbanismo; Laboratório Patrimônio e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeur/a/MpimgdKPvzhgcFYzgr7dbBvG/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 16 jun. 2022.
- AMIGA de adolescente morto questiona operação na Gamboa. **IBahia**, Salvador, 02 mar. 2022. Disponível em: <https://www.ibahia.com/salvador/amiga-de-adolescente-morto-questiona-operacao-na-a-gamboa>. Acesso em: 16 set. 2023
- CAMINHA, Ana. et al. Gamboa de Baixo: Patrimônio e Direito à Cidade. In *Práticas coletivas e o direito à cidade em Salvador, Bahia*, org José Carlos Huapaya Espinoza; Ana Fernandes & Gloria Cecília Figueiredo. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2017. 23 – 35 p. Disponível em: https://www.ucl.ac.uk/bartlett/development/sites/bartlett/files/salvador_report_ufba_port.pdf. Acesso em: 01 maio. 2022.
- CENTRO Histórico. **Observatório de Bairros Salvador**. Salvador, 2018. Disponível. <https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/bairros/centro-historico>. Acesso em: 05 set. 2022.
- 'EU conto meus filhos e vejo que está faltando um': mães seguem sem respostas um mês após morte de 3 jovens em ação da PM na BA. **G1 Bahia**, 01 abr. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/04/01/eu-conto-meus-filhos-e-vejo-que-esta-faltando-um-maes-seguem-sem-respostas-um-mes-apos-morte-de-3-jovens-em-acao-da-pm-na-ba.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2023
- FILÔ, Priscila; GIMÔES, Alex; OLIVEIRA, Gildon & SANTANA, Mônica. *Recordações de Becos e Vieiras*. Salvador: Edtóra, 2023.
- GOMES, Itania Maria Motas; JUNIOR, Jener Janotte. *Comunicação e Estudos culturais*. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/5536>. Acesso em: 05 jun. 2022.

GOTTSCHELL, Carlota; *et al.* CAS - Centro Antigo de Salvador: território de referência. Salvador: SEI, 2013. Disponível em: <https://www.sei.ba.gov.br/images/publicacoes/download/cas/cas.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 15 ed. [S.l.]: Editora Vozes, 2014.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Itapevi: Nebli, 2016.

LUCENA, Luiz Carlos. *Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção*. São Paulo: Summus, 2018.

MEIRELLES, Anuska. Fora da rota: a praia de pedras da Gamboa e o restaurante de dona Suzana. Conheça a praia que possui uma arquitetura única na Bahia. **Correio 24 horas**, 12 jan. 2019. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fora-da-rota-a-praia-de-pedras-da-gamboa-e-o-restaurante-de-dona-suzana/>. Acesso em: 19 jun. 2022

NASCIMENTO, Fernanda. Dona Suzana, do RéRestaurante, é o tempero mais querido do Solar do Unhão, em Salvador. **The Summer Hunter**. Disponível em: <https://thesummerhunter.com/dona-suzana-rerestaurante-salvador-restaurante/>. Acesso em: 11 set. 2022.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2010. 272 p. Tradução de: Mônica Saddy Martins.

NO Pelô Mora Gente. Direção: Carlos Rocha. Salvador: Grifa.Doc, 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tZC4ESSB59c>. Acesso em: 16 set. 2023.

O MAM. **Museu de Arte Moderna da Bahia**. Salvador, 2022. Disponível em: <http://www.mam.ba.gov.br/sobre-o-mam/>. Acesso em: 01 jul. 2022

SANTANA, André. Enquanto foliões curtem Carnaval, jovens são mortos na Gamboa em Salvador. **Uol**, 06 mar. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/andre-santana/2022/03/06/com-potencial-turistico-e-artistico-comunidade-da-gamboa-merece-respeito.htm>. Acesso em: 16 set. 2023.

SALVADOR – Forte da Gamboa. **Ipatrimonio**. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/salvador-forte-da-gamboa/#!/map=38329&loc=-12.98525200000024,-38.52269299999999,17>. Acesso em: 01 jul. 2022.

SEGUNDO Sol: Veja onde foi gravada cada uma das cenas da abertura. **Correio 24 Horas**, 30 mai. 2019. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/segundo-sol-veja-onde-foi-gravada-cada-uma-das-cenas-da-abertura/>. Acesso em: 06 set. 2022.

SOARES, Sérgio J. Puccini Soares. **Documentário e Roteiro de Cinema: da pré à pós-produção**. Campinas, 2007. Tese (Programa de Pós-Graduação em Multimeios) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

TRÊS pessoas são mortas em ação da PM na Gamboa, em Salvador; comunidade protesta. **G1 Bahia**, 01 mar. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/03/01/jovem-e-morto-e-outros-dois-sao-b-aleados-em-acao-da-pm-na-gamboa-em-salvador-comunidade-protesta.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2023.

VIRGENS, Leonardo Soares das. *Diretrizes para ZEIS V: Gamboa de baixo - parâmetros para um plano de urbanização*. 2018. Monografia (Curso de Especialização em Assistência Técnica, Habitação e Direito à Cidade) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29387>. Acesso em: 10 jun. 2022.

ANEXO A – LISTA DE PRODUÇÃO


Cronograma





15/08/22 - 01/10/23	Realização do Memorial
01/01/23 - 31/05/23	Gravação
01/09/23 - 31/10/23	Edição
06/11/23 - 12/11/23	Finalização

Ficha Técnica

Állan Maia	Montagem e finalização.
Ingrid Barretto	Motion Designer.
Jerferson Alan	Imagens e captação de áudio.
Karen Caldas	Direção, roteiro, entrevista, fotografia.
Pedro Sena	Mixagem de som

Fontes

Ana Lúcia	Moradora da última rua do Solar do Unhão. Vive na Comunidade desde o seu início.	
-----------	----------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------

<p>Bruna Rocha</p>	<p>Moradora da Gamboa de Baixo e vendedora na praia do MAM</p>	
<p>Dilson Vasconcelos</p>	<p>Presidente Associação dos Moradores do Solar do Unhão</p>	
<p>Dona Suzana</p>	<p>Dona do restaurante RéRestaurante Dona Suzana</p>	
<p>Gerson Bonfim</p>	<p>Um dos pescadores mais antigos do Solar, também sendo dono de um dos bares da comunidade.</p>	

Gleudson Moureira	Barqueiro do Solar da Unhão	
Pola Ribeiro	Diretor do MAM	

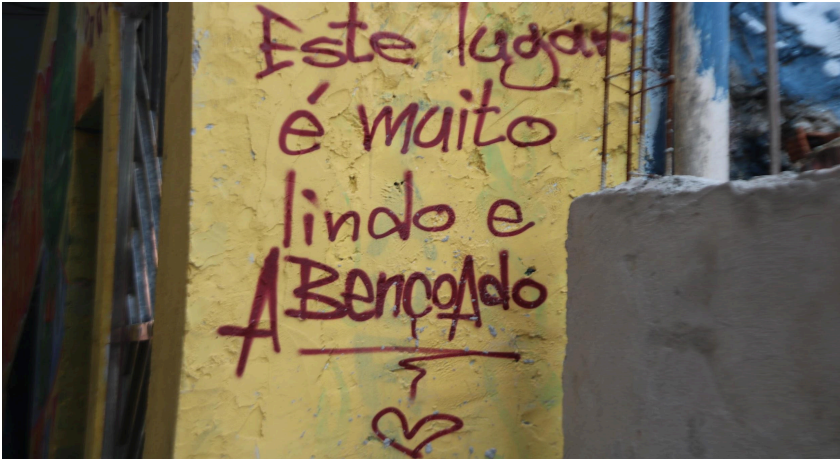
ANEXO B – IMAGENS



Por Karen Caldas



Por Karen Caldas



Por Karen Caldas



Por Karen Caldas



Por Karen Caldas



Por Jeferson Alan




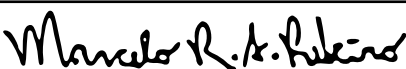

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COLEGIADO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO**

Salvador, 08/12/2023 às 16:00

Ata de defesa pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Nesta data, o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado ***O Sol Sob a Margem***, de autoria de **Karen Laís de Oliveira Caldas**, sob orientação de **Marcos Oliveira de Carvalho**, foi apresentado em sessão pública e avaliado pela comissão examinadora, composta por **Ohana Boy Oliveira** e **Marcelo R. S. Ribeiro**.

Com base em escala de notas de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), considerando-se a média exigida para aprovação de 5,0 (cinco), de acordo com o Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso do Colegiado de Graduação da Faculdade de Comunicação e com o Regulamento de Ensino de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, foram atribuídos ao referido TCC as seguintes notas:

Tabela de avaliação	Nota	Assinaturas
Examinador(a) 1	10,0	 Documento assinado digitalmente OHANA BOY OLIVEIRA Data: 11/12/2023 06:37:12-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Examinador(a) 2	10,0	
Orientador(a)	10,0	

Média final (valor numérico): 10

Média final (por extenso): Dez